



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB**  
**CAMPUS I – CAMPINA GRANDE**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC**  
**DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES – DLA**  
**CURSO DE LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

**THALYA CAMILA FARIAS DA SILVA**

**BELAS, ATRAENTES E CRUÉIS: MULHERES NA LITERATURA  
CONTEMPORÂNEA DE RUBEM FONSECA**

**CAMPINA GRANDE**

**2023**

**THALYA CAMILA FARIAS DA SILVA**

**BELAS, ATRAENTES E CRUÉIS: MULHERES NA LITERATURA  
CONTEMPORÂNEA DE RUBEM FONSECA**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduação em Letras – Língua Portuguesa.

**Área de concentração:** Literatura

**Orientador:** Prof. Dr. Edson Tavares Costa

**CAMPINA GRANDE**

**2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

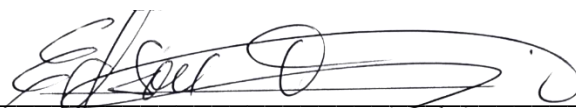
S586b Silva, Thalya Camila Farias da.  
Belas, atraentes e cruéis: Mulheres na Literatura Contemporânea de Rubem Fonseca [manuscrito] / Thalya Camila Farias da Silva. - 2023.  
16 p.  
  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2023.  
"Orientação : Prof. Dr. Edson Tavares Costa, Departamento de Letras e Artes - CEDUC. "  
1. Violência. 2. Realidade. 3. Sociedade. 4. Conto. I. Título  
21. ed. CDD 801.95

**THALYA CAMILA FARIAS DA SILVA**

**BELAS, ATRAENTES E CRUÉIS: MULHERES NA LITERATURA  
CONTEMPORÂNEA DE RUBEM FONSECA**

**Aprovada em 30/06/2023**

**BANCA EXAMINADORA**



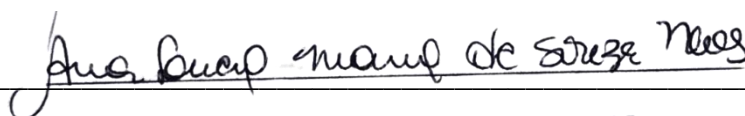
---

Prof. Dr. Edson Tavares Costa – Orientador  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



---

Prof. Dr. Luciano Barbosa Justino – Avaliador  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Lúcia Maria de Sousa Neves – Avaliadora  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Aos meus pais, por toda dedicação e cuidado, e especialmente à minha falecida mãe que, onde estiver, deve estar muito orgulhosa de mim neste momento. Aos meus avós, que constituem parte do meu amor maior na vida.

DEDICO.

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO .....	6
2 A VERDADE NUA E CRUA: VIOLÊNCIA E REALIDADE SOCIAL NAS NARRATIVAS DE RUBEM FONSECA .....	8
3 TRÊS JOVENS BELAS, ATRAENTES E CRUÉIS.....	9
3.1 Belinha: bela, fria e gananciosa .....	9
3.2 Ana: rica, bela e atraída pela criminalidade .....	11
3.3 Pia: o desejo sombrio por trás da aparência bela e inocente.....	13
4 CONCLUSÃO.....	14
REFERÊNCIAS.....	15

## BELAS, ATRAENTES E CRUÉIS: MULHERES NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA DE RUBEM FONSECA

Thalya Camila Farias da Silva<sup>1</sup>

### RESUMO

Este artigo tem como objetivo discutir o papel das personagens Belinha, Ana e Pia, presentes nos contos *Belinha* (2010), *O Cobrador* (1979) e *O Buraco na Parede* (1995), todos pertencentes a obras do autor Rubem Fonseca. Para a realização desse trabalho foi desenvolvida uma pesquisa bibliográfica através da leitura e análise de materiais tais como artigos, teses e livros, tendo como suporte teórico Candido (1989), Bosi (1974), Foucault (2002), Martinez (2004), Silva (1978), dentre outros. Chegou-se à conclusão de que as referidas personagens representam, dentro dos contos, a maldade encoberta por um rosto angelical e uma boa conduta perante a sociedade. Essas acabam, assim, representando dentro das narrativas uma das marcas presentes nas histórias fonsequianas: a exposição da intensa crueldade do ser humano e sua capacidade de cometer os mais inesperados crimes, impulsionados pela ganância, vingança, prazer de cometer o mal ou por motivos por vezes desconhecidos nas narrativas, constituindo-se, assim um evidente contraponto à romantização das obras produzidas em meados do século XIX.

Palavras-chave: Rubem Fonseca; Violência; Realidade; Sociedade.

### ABSTRACT

This article aims to discuss the role of the characters Belinha, Ana and Pia, present in the short stories *Belinha* (2010), *O Cobrador* (1979) and *O Buraco na Parede* (1995), all belonging to works by the author Rubem Fonseca. To carry out this work, a bibliographical research was carried out through the reading and analysis of already published materials, such as articles, theses and books, with theoretical support Candido (1989), Bosi (1974), Foucault (2002), Martinez (2004), Silva (1978), among others. It was concluded that the referred characters represent, within the tales, the evil hidden by an angelic face and a good conduct towards society. These thus end up representing, within the narratives, one of the marks present in Fonseca's stories: the exposure of the intense cruelty of human beings and their capacity to commit the most unexpected crimes, in favor of greed, revenge, the simple pleasure of committing evil, or for reasons sometimes unknown in the narratives, thus constituting an evident counterpoint to the romanticization of works produced in the mid-nineteenth century.

**Keywords:** Rubem Fonseca; Violence; Reality; Society.

---

<sup>1</sup> Graduanda em Letras, Língua Portuguesa, pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). E-mail institucional: [thalya.silva@aluno.uepb.edu.br](mailto:thalya.silva@aluno.uepb.edu.br).

## 1 INTRODUÇÃO

Considerado um dos maiores escritores brasileiros de todos os tempos e ganhador de diversos prêmios, entre eles a Coruja de Ouro, o Kikito do Festival de Gramado, o Prêmio Jabuti e o Prêmio Camões, Rubem Fonseca é considerado um marco na história da literatura brasileira contemporânea. Com suas histórias repletas de suspense e violência, o autor não economiza quando se trata de retratar a realidade sem dó nem piedade, na sua forma mais crua, levando o leitor a entrar em contato com histórias chocantes, que falam sobre morte, estupro, canibalismo, assassinato e tudo o mais que envolve a faceta mais cruel e amarga da sociedade, além de tratar de temas como a solidão, a mentira, a traição, a loucura, o fingimento, a pobreza e a disparidade social.

Percorrendo o ambiente urbano, mais especificamente do Rio de Janeiro, Fonseca apresenta personagens que, por muito tempo, constituíam a margem do protagonismo literário brasileiro: assassinos, bandidos, prostitutas, maníacos, estupradores, escritores falidos, entre outros. Em suas obras, a linguagem é marcada pelo uso de palavrões, descrição completa das atrocidades cometidas, sem economia de detalhes, o que leva o leitor a abismar-se com a descrição das ações cometidas, mas, ao mesmo tempo, sentir-se também seduzido pelas histórias. Bosi (1974) denomina a linguagem do autor de brutalista, devido a sua forma de narrar totalmente destituída de pudor.

Na apresentação do livro “A confraria dos Espadas” (1998), de autoria também de Fonseca, Pynchon afirma que a obra do autor se trata de “uma literatura que não sabemos aonde ela vai nos levar. É como um telefonema no meio da noite”. É nessa imprevisibilidade e expectativa constante de tragédia final que mora a sedução dos contos e romances de Rubem Fonseca, que seduzem o leitor de forma que, mesmo chocado com as atrocidades, torna-se interessado nas tramas escritas. O suspense e a violência em suas formas mais cruas assemelham o estilo do autor ao de famosos escritores como o norte-americano Edgar Allan Poe, reconhecido mundialmente por suas obras de suspense também marcadas pela extrema violência e crueldade.

Rubem Fonseca expõe, em suas histórias, a lado mais obscuro e cruel da sociedade brasileira, trazendo à tona personagens dos mais diversos, entre eles pessoas de camadas sociais privilegiadas, mas que não se diferem dos marginais devido a seus crimes e, principalmente, sua mentalidade criminosa. No conto “Passeio Noturno”, por exemplo, um homem aparentemente de classe média sai toda noite para matar pessoas com seu carro, para “descarregar” os estresses que tem em seu trabalho; a narrativa também relata a vida de aparências, a vulgaridade e superficialidade de uma sociedade capitalista, em que o poder e o valor de alguém advém da condição financeira que possui. Fonseca apresenta, assim, uma sociedade criminosa no seu todo, independentemente de classe social, pois muitos assassinos, estupradores ou bandidos fazem parte da camada rica ou privilegiada da sociedade.

Em se tratando dos personagens de Fonseca e seus atos criminosos e cruéis, é pertinente considerar-se a afirmação de Foucault:

Afinal de contas, o que é um criminoso? Um criminoso é aquele que rompe o pacto, que rompe o pacto de vez em quando, quando precisa ou tem vontade, quando seu interesse manda, quando num momento de violência ou de cegueira ele faz prevalecer a razão do seu interesse, a despeito do cálculo mais elementar da razão. Déspota transitório, déspota relâmpago,



déspota por cegueira, por fantasia, por furor, pouco importa (FOUCAULT, 2002, p. 117).

Assim, esses personagens criminosos nas narrativas fonsequianas caracterizam-se como seres que se preocupam apenas em satisfazer suas vontades, independentemente do mal que possam causar, mal esse cometido por simples prazer, por ódio ou por determinado objetivo projetado pela mente criminosa. E assim surgem personagens dos mais diversos nos contos de Fonseca.

Nas obras de séculos anteriores, era comum a figura da mulher idealizada, retratada como um ser angelical, jovem e puro, por muito tempo persistindo essa imagem do ser doce, delicado, gentil e obediente. Mulheres (ficcionais ou reais) eram educadas para serem submissas, mansas e prendadas, destinadas ao casamento e à vida doméstica. Um exemplo dessa figura é D. Carolina, do romance *A Moreninha* (1844), de Joaquim Manuel de Macedo; na obra – considerada um marco do início do Romantismo brasileiro –, Carolina é retratada como uma moça frágil, romântica, obediente aos pais e educada para o casamento, “inocente como uma boneca” (MACEDO, 2022, p.18).

Nas obras de Rubem Fonseca nos deparamos com mulheres também muito belas, aparentemente gentis e educadas, mas muito distantes da imagem daquele ser puro e inocente idealizado. Através dos aspectos literários advindos do Realismo, que se propõe a escancarar a realidade, começamos a perceber que, por trás de um belo rosto, que aparenta pureza e inocência, existem desejos cruéis. Assim, surgem mulheres aparentemente inofensivas, mas que ao longo das narrativas surpreendem o leitor através de seus atos. O ser doce e romântico não deixa de existir em obras da contemporaneidade, porém o autor opta por trazer, em suas histórias, personagens femininas que trazem consigo sagacidade, ousadia, ganância, frieza entre outras características marcantes.

Para Bosi (1995), “o papel do contista é de pescador que enxerga a partir de uma visão demoníaca as lesões sociais”. Essa exposição da realidade social advinda do Realismo nos faz refletir sobre o verdadeiro caráter das pessoas, que muitas vezes aparentam ser o que não são. Vemos, assim, a exposição das mentiras, das falsidades, das traições, das maldades ocultadas pelo dinheiro, pelo poder, por um rosto angelical ou uma boa convivência com o próximo. Essa exposição está perceptível através do olhar poético do escritor, que observa as mazelas sociais com um olhar apurado, percorrendo espaços urbanos em todos os seus níveis socioeconômicos.

É através desse olhar que ele é capaz de contar, de descrever com riqueza de detalhes, o que se passa no interior das personagens, dos ambientes, fazendo o leitor mergulhar em realidades até então não contadas dessa maneira, tão humana. Este é levado a experimentar os mais diversos sentimentos: raiva, medo, surpresa, indignação, identificação, repulsa, entre outros.

Percebemos, dessa forma, que a realidade de nossa sociedade é assustadora, cruel, e, nesse cenário, o contista aparece como esse expositor minucioso dos fatos, visto que a literatura possui esse espaço e liberdade de atuação e também se constitui como um instrumento de crítica social, de denúncia, de exposição da verdade.

Este artigo tem por tema as personagens Belinha, Ana e Pia, presentes, respectivamente, nos contos “Belinha” (2010), “O cobrador” (1979) e “O buraco na parede” (1995); pretendemos entender e explicar como essas personagens, até o momento coadjuvantes e aparentemente inofensivas nas histórias, configuram-se

posteriormente como vilãs e se constituem como elementos chave para os desfechos das narrativas.

## 2 A VERDADE NUA E CRUA: VIOLÊNCIA E REALIDADE SOCIAL NAS NARRATIVAS DE RUBEM FONSECA

A obra de Rubem Fonseca, que tem seu marco inicial nos anos 60, traz o protagonismo da violência no cenário da literatura brasileira. Com o avanço da industrialização e do capitalismo, abre-se espaço para as narrativas ambientadas nos centros urbanos, cenário utilizado largamente por autores como Rubem Fonseca. Pode-se dizer que Fonseca é o autor mais prestigiado dessa vertente literária chamada de Neorrealista, Realismo Feroz, Hiper-realismo ou Ultrarrealismo. Bosi (1974), que também chama essa narrativa de “literatura-verdade”, utiliza o adjetivo “brutalista”, para fazer referência à linguagem usada nas obras fonsequianas:

um modo de escrever recente, que se formou nos anos de 60, tempo em que o Brasil passou a viver uma nova explosão de capitalismo selvagem, tempo de massas, tempo de renovadas opressões [...]. A sociedade de consumo é, a um só tempo, sofisticada e bárbara. (BOSI, 1974, p.18)

Sendo assim, num cenário de urbanização crescente e de violência em que se encontrava o Brasil dos anos 60, essa narrativa retrata as mazelas sociais da época, assemelhando-se ao Realismo, porém indo mais a fundo. O estudioso da ficção contemporânea Alexandre Faria (1999), intitula de “literatura de subtração” essa produção literária brasileira que tem como cenário a cidade. Dentre os escritores que estão nessa perspectiva, o estudioso aponta João do Rio, João Antônio, Chico Buarque, João Gilberto Noll, Dalton Trevisan e Rubem Fonseca.

A utilização de uma linguagem praticamente não usada até então, causou uma mudança significativa no cenário literário brasileiro. O livro “Feliz Ano Novo” (1975), de autoria também de Fonseca, foi censurado pelo Regime Militar do país, sendo considerado uma apologia à violência, indo também contra *a moral e os bons costumes* da época.

Acerca da narrativa do autor, SILVA (1978) afirma que

Não é só com a linguagem que o autor rompe, porém. Recusa-se às pressões de classe a que pertence, que deseja uma linguagem escrita decente. E estamos deduzindo isso a partir da narrativa. Pois como bem se pode entrever na escritura de Rubem Fonseca, há a exaltação da linguagem popular, posta como carregada de significados maiores que aqueles peculiares à linguagem dita acadêmica, ou “decente”. (SILVA, 1978, p. 30)

Rubem Fonseca rompe com os padrões literários vigentes, trazendo, como uma de suas marcas narrativas, a linguagem dos marginais, com palavras, expressões e principalmente a verdade que está presente na realidade dessa extensa camada da população. Seus personagens contam sobre seus sentimentos, raivas e frustrações, através de uma linguagem popular e única. Trata-se de um mergulho no subjetivo do ser humano malvado, perverso; a visualização do lado de dentro do bandido, do assassino, do esturador, do mentiroso, do traidor, entre outros personagens. Por esse motivo as narrativas fonsequianas são tão realistas, porque, além de exporem a realidade com toda riqueza de detalhes, trazem também a realidade da sociedade em si, a realidade de figuras brasileiras existentes em nosso país.

A narrativa de Fonseca é fiel ao que afirma BOSI (1974): “Se o romance é um trançado de eventos, o conto tende a cumprir-se na visada intensa de uma situação, real ou imaginária, para a qual convergem signos de pessoas e de ações e um discurso que os amarra” (BOSI, 1974, p.8). Dessa forma, deparamo-nos com histórias cheias de ódio, violência, crueldade e acima de tudo, verdade.

Candido (1989) refere-se à narrativa fonssequiana como *Realismo feroz*, pois “agride o leitor pela violência [...] avançando as fronteiras da literatura no rumo de uma espécie de notícia crua da vida” (CANDIDO, 1989, p.210). Essa afirmação torna-se evidente quando entramos em contato com os textos de Rubem Fonseca: histórias com riqueza de detalhes sobre personagens que cometem as mais diversas atrocidades. Esses personagens habitam lugares da cidade, como barracos ou cubículos, porém homens e mulheres de condição financeira favorável também assumem requintes de crueldade. Tal fato mostra, mais uma vez, esse fazer literário que expõe as mazelas sociais e, acima de tudo, expõe a maldade da sociedade como um todo, independentemente de sua condição social, levando o leitor, assim, a fazer um profundo mergulho no interior dos personagens, em suas mentes, assim como também refletir acerca da sociedade contemporânea e seus valores, através de suas narrativas impactantes.

### 3 TRÊS JOVENS BELAS, ATRAENTES E CRUÉIS

Nos contos de Fonseca, é comum nos depararmos com a presença de personagens masculinos assumindo o protagonismo de suas narrativas. Contudo, em algumas narrativas, mulheres acabaram ganhando destaque, apresentando também a violência desmedida presente nas histórias do autor e constituindo-se como peças-chaves do desfecho das histórias. Um exemplo desse fato é o livro “Ela e outras mulheres” (2006), em que o autor traz diversas mulheres de idade, aparência, classe social e concepções de mundo diferentes, ora aparecendo como protagonistas e narradoras, ora tendo suas histórias narradas por homens; tais mulheres sempre aparecem como eixo ou elemento essencial para o transcorrer dos enredos e para os finais das narrativas.

Serão apresentadas, a seguir, as histórias de três jovens: Belinha, Ana e Pia, presentes nos contos “Belinha” (2010), “O Cobrador” (1979) e “O Buraco na parede” (1995). Todas elas fazem jus ao que afirma Martinez (2004): “os personagens de Fonseca não têm [...] escrúpulos. A única moral que os rege é a de saciar-se a si mesmos” (MARTINEZ, 2004, p. 11). Assim, as três jovens, aparentemente inofensivas, aparecem posteriormente como seres cruéis, capazes das maiores atrocidades em prol de suas vontades, apresentando, assim, uma das marcas dos personagens fonssequianos.

#### 3.1 Belinha: bela, fria e gananciosa

A jovem Isabel, que no conto é chamada de Belinha, faz parte da coletânea de contos “Ela e outras Mulheres” (2010). É uma jovem de 18 anos, de família rica, que namora um assassino de aluguel. Ela não sabe da verdadeira *profissão* do seu companheiro, acreditando que o rapaz trabalha numa espécie de contrabando ou algo relacionado ao tráfico de drogas. Ainda assim, Belinha afirma gostar de bandido (p.8). A história é narrada pelo próprio matador de aluguel, que descreve Belinha como uma

[...] moça de família importante, cheia de grana, educada nos melhores colégios, falava francês, chamava-se Belinha ou Isabel ou Isabelinha ou Bel, eu preferia Belinha porque ela era a mulher mais linda do mundo. [...] A Belinha era uma garota elegante na maneira de se vestir, de se sentar, de falar, quem olhasse para ela dizia, esta é uma menina bem-nascida, de boa família. Foi por isso que eu disse a ela que a encheria de porrada se ela fizesse uma tatuagem, como andou falando (FONSECA, 2010, p.9-10).

Através dessa passagem do texto, percebemos o caráter violento do narrador-personagem com a própria jovem, a quem ameaça espancar caso queira fazer tatuagens ou caso tome sol e ele perceba a marca do bronze em seu corpo. Podemos constatar, assim, a simbologia do machismo presente, da ideia do homem que se sente proprietário do corpo da mulher. Ao mesmo tempo em que Belinha é um ser extremamente desejado pelo matador, ela também é vista como propriedade desse, o que nos leva a entender que as crueldades cometidas pelo narrador-personagem poderiam ser cometidas também contra sua namorada, caso ela fizesse algo à revelia de sua vontade.

Ao descobrir que perderá sua mesada, pois seu pai quer doar todo o seu dinheiro para associações de caridade, deixando-a sem um tostão, Belinha informa que tem um plano, que consiste em matar o pai: “Ela levantou-se da poltrona e sentou-se ao meu lado, na cama. Quero que você mate o meu pai. Fiquei calado. Matar o pai, pensei, porra, a gente pode matar todo mundo, menos o pai e a mãe da gente.” (FONSECA, 2010, p.12)

Belinha demonstra ser uma garota mimada, gananciosa e fria, características que se fazem presentes em determinadas passagens do texto: “Cara, é muito dinheiro, ela disse, acho uma crueldade isso, eu tenho só dezoito anos, vou durar no mínimo mais uns sessenta, já imaginou, sessenta anos na miséria?” (p.11) A jovem demonstra não se importar com o seu pai, mas com o dinheiro que este possui. Sua preocupação é com o seu conforto e a vida de luxos que vem mantendo até então.

Revoltada, Belinha chega a dizer palavras pesadas contra o próprio pai, que está tão aborrecido com ela a ponto de tomar tal atitude, o que dá a entender que Belinha está cometendo atos que o desagradam, e por isso sua mesada será retirada e doada para instituições de caridade. Não se sabe ao certo quais seriam esses atos, pois não são especificados no texto.

A jovem ameaça até deixar o namorado, caso este se recuse a fazer o que ela quer; tal chantagem reflete mais uma vez a personalidade mimada de Belinha. O namorado passa uma semana acompanhando o pai da moça e finge precisar de um emprego para aproximar-se dele; consegue o de motorista, sendo tratado desde o início de forma muito educada e cordial (p.12-13). O matador, pressionado por sua namorada, vai perdendo o interesse na moça, que antes atiçava nele imenso desejo.

Numa determinada noite, ele vai até a casa de Belinha para fazer o que sua amada havia pedido.

Cheguei precisamente à meia-noite, a Walther com o silenciador no bolso. Quando entrei, Belinha estava em pé na sala me esperando. Subimos as escadas. O quarto dele é aquele lá, o meu é aqui, vem. Entramos no quarto dela e logo Belinha se desnudou e perguntou, o que você quer, minha bundinha? quer que eu chupe? quer me chupar? o que você quiser eu quero. Aquela conversa não tinha mais graça para mim, antes me excitava, agora me dava um certo nojo (FONSECA, 2010, p.13-14)

Assim, a jovem acaba tendo um final trágico, tendo sua vida ceifada pelo próprio namorado matador, que se recusa a realizar seu desejo, pois para ele a ideia de matar o pai ou a mãe é inaceitável:

Ela deitou-se de barriga para baixo mostrando a bunda, não havia no mundo, no mundo inteiro, bunda mais bonita que aquela, e ela sabia disso. Me aproximei de Belinha, tirei a Walther do bolso e disparei na cabeça dela, bem na nuca, para ela morrer de maneira instantânea e sem dor. Depois cobri o corpo dela com um lençol e saí, fechando a porta da casa. Como é que alguém pode querer matar o pai ou a mãe? (FONSECA, 2010, p.15)

A personagem Belinha, assim como muitos personagens das narrativas de Rubem Fonseca, representa o ápice da crueldade humana, crueldade essa que se apresenta na obra velada por um rosto angelical, sendo capaz de matar até o próprio pai em prol da ganância. Nesta parte final do conto, faz-se importante ressaltar dois pontos: o caráter machista do matador surgindo mais uma vez, pois, após acabar com a vida de sua namorada, afirma que não vai chorar por isso porque era “coisa de veado” e por isso não chorou. (p.14). O outro ponto que se faz importante destacar é a inversão de papéis existente no fato de que o matador, capaz de matar até um cadeirante, não quis assassinar o pai de Belinha, preferindo dar cabo da vida dela ao invés da do pai, pois para ele a ideia de matar o pai é inconcebível. No entanto, para Belinha não parece nada demais, visto que seu namorado já matara diversas pessoas, seu pai seria apenas mais um número, nada mais do que isso. Em determinada parte do texto Belinha até questiona o matador: “[...] qual é o problema? Desde que te conheço você já matou umas cinco pessoas, ontem matou um aleijado, e está com escrúpulos de matar o filho da puta do meu pai, que quer me deixar na miséria?” (p.12). Nesta passagem do texto é nítido mais uma vez o caráter frio, ganancioso e indiferente de Belinha, preocupada apenas com o seu próprio bem estar.

O final trágico da jovem acaba por configurar mais um dos desfechos não felizes, tão presentes nas narrativas do autor contemporâneo. O desfecho do conto contrasta com os finais felizes românticos, o que evidencia sua marca realista, demonstrando que as coisas nem sempre terminam bem, nem sempre há um final feliz. Acerca desse contraste entre literaturas, Candido (1989) afirma sobre a Literatura Contemporânea:

Não se cogita mais de produzir (nem de usar como categorias) a Beleza, a Graça, a Emoção, a Simetria, a Harmonia. O que vale é o impacto, produzido pela Habilidade ou Força. Não se deseja emocionar nem suscitar a contemplação, mas causar choque no leitor e excitar a argúcia do crítico, por meio de textos que penetram com vigor, mas não se deixam avaliar com facilidade. (CANDIDO,1989, p.213)

O final do conto Belinha causa esse choque citado por Cândido. Na narrativa em si não há preocupação alguma do autor com aspectos harmoniosos, belos; seu propósito é acertar o leitor com a agressividade de sua narrativa e seu final surpreendente, “que não se deixa avaliar com facilidade”.

### **3.2 Ana: rica, bela e atraída pela criminalidade**

Ana está presente no conto “O Cobrador” (1979). O texto é muito marcado pela violência, constituinte do livro de mesmo nome; um maníaco, viciado em violência, que sente prazer em fazer o mal. Ele satisfaz sua revolta e ódio através da violência contra os ricos, e acredita que a sociedade sempre está lhe devendo

algo: comida, moradia, roupa, automóvel, dente, sexo, tudo: “Odeio dentistas, comerciantes, advogadas, industriais, funcionários, médicos, executivos, essa canalha inteira. Todos eles estão me devendo muito” (FONSECA, 1979, p.12).

O narrador, que é o próprio cobrador, carrega em seu discurso as marcas de sua constituição de ódio e violência. Ele conhece Ana na praia de Ipanema, e a descreve como uma pessoa branca, rica e de boa aparência:

Sou uma pessoa tímida, tenho levado tanta porrada na vida, e o cabelo dela é fino e tratado, o seu tórax é esbelto, os seios pequenos, as coxas são sólidas e redondas e musculosas e a bunda é feita de dois hemisférios rijos. Corpo de bailarina. [...] A moça era filha de um desses putos que enriquecem em Sergipe ou Piauí, roubando os paus-de-araras, e depois vêm para o Rio, e os filhos de cabeça chata já não têm mais sotaque, pintam o cabelo de louro e dizem que são descendentes de holandeses. (FONSECA, 1979, p.20)

O cobrador leva Ana para o sobrado onde ele mora, a jovem vê as armas que estão no seu quarto:

Você já matou alguém? Ana aponta a arma pra minha testa.  
 Já.  
 Foi bom?  
 Foi.  
 Como?  
 Um alívio.  
 Como nós dois na cama?  
 Não, não, outra coisa. O outro lado disso.  
 Eu não tenho medo de você, Ana diz.  
 Nem eu de você. Eu te amo. (FONSECA, 1979, p.24)

Assim, Ana passa a conhecer o lado sombrio do personagem e torna-se sua companheira, chegando até a ir morar com ele e ensinar-lhe a usar explosivos. Os dois planejam uma chacina na véspera de Natal, numa espécie de baile que haverá na cidade:

Escolhemos para iniciar a nova fase os compristas nojentos de um supermercado da zona sul. Serão mortos por uma bomba de alto poder explosivo. Adeus, meu facão, adeus meu punhal, meu rifle, meu Colt Cobra, adeus minha Magnum, hoje será o último dia em que vocês serão usados. Beijo o meu facão. Explodirei as pessoas, adquirirei prestígio; não serei apenas o louco da Magnum. (FONSECA, 1979, p.25)

O cobrador diz que Ana o ajudou a encontrar sua *missão*, e ela responde que, a partir daquele gesto, todos saberão quem são os dois, que a véspera de Natal é um bom dia para “se pagar o que deve” (p.25). o conto encerra-se assim: “Eu estava certo nos meus impulsos, meu erro era não saber quem era o inimigo e por que era inimigo. Agora eu sei, Ana me ensinou” (FONSECA, 1979, p.25).

Dessa forma, Ana também surge na narrativa como uma jovem bela e rica, que obviamente tem tudo nas mãos, mas opta por trilhar um caminho sombrio, ao lado de um assassino, compactuando com a mesma ideologia que ele carrega, chegando até a forjar o ato final de violência na narrativa. Ana é mais um exemplo das máscaras sociais existentes nas narrativas fonsequianas, e a prova de que a marginalidade não existe de forma totalmente polarizada na sociedade. Os assassinos, ladrões, psicopatas, estupradores, entre outros, estão tanto no lado dos pobres quanto dos ricos, sendo que, no caso dos ricos, muitas vezes essas maldades estão encobertas pelo *status*, poder econômico ou político.

### 3.3 Pia: o desejo sombrio por trás da aparência bela e inocente

Pia faz parte do conto “O buraco na parede” (1995), um dos oito contidos na obra intitulada com o mesmo nome. Pia é uma garota de 16 anos, que, por muito tempo, é o amor platônico do personagem principal, um jovem que mora num cubículo de um velho sobrado no centro da cidade, alugado pela mãe de Pia. Nesta casa moram o jovem, Pia, dona Adriana, mãe de Pia, Doutor Raimundo, um advogado aposentado, José Cardoso, representante comercial casado com Deoclides, que durante toda a narrativa usa o nome de Tânia e acaba tendo um caso com o personagem principal, Armando, vendedor de uma fábrica de camisas de malha.

O jovem acaba descobrindo um buraco em seu quarto, que dá acesso ao banheiro da casa, e a partir daí passa a observar Pia todos os dias. Assim como Ana e Belinha, Pia também é descrita pelo narrador personagem como uma moça de bela aparência:

Perguntava a mim mesmo que parte do corpo de Pia mais me atraía. Os seios empinados de bicos rosados? A barriga com sua leve ondulação, o umbigo pequeno e raso? As coxas redondas e musculosas? As nádegas altas, firmes, os hemisférios separados ainda que fazendo parte da mesma maciça entidade? O rosto, o queixo, a boca cheia de dentes brancos e certinhos, os lábios azuis, os olhos negros, os cabelos negros? (FONSECA, 1995, p. 129-130)

O jovem acaba, tempos depois, sendo expulso da casa, quando Armando, suposto amante de Tânia, após descobrir os encontros do jovem com a mulher, denuncia o buraco e as espionagens feitas à filha de dona Adriana, que o manda embora imediatamente; mas Pia acaba o encontrando e, após o rapaz confirmar a verdade sobre sua espionagem e declarar seu amor pela jovem, ela diz que também o ama e quer perder sua virgindade com ele, porém ele teria que fazer algo por ela:

Sou virgem e quero perder minha virgindade com você. Mas você terá de fazer uma coisa para mim.  
 Eu faço.  
 Qualquer coisa?  
 O que for.  
 Jura que faz o que eu vou te pedir?  
 Sim, juro.  
 E que não me fará perguntas.  
 Não faço perguntas, juro  
 Eu quero que você mate a minha mãe. (FONSECA, 1995, p.139)

O jovem obedece ao pedido de sua amada e acaba matando dona Adriana asfixiada enquanto dormia. (p.139)

Os motivos que levaram Pia a querer matar a mãe não ficam claros no conto. É interessante notar, nesta narrativa de Fonseca, mais uma vez, a presença da personagem feminina que se mostra, nos primeiros momentos, como uma bela jovem, que aparentemente não irá cometer um crime, tornando-se o centro do desfecho da narrativa e da futura ação criminosa do personagem principal.

Destaquemos também outras marcas da obra fonsequiana: a *desromantização* do personagem principal, que primeiramente surge como um jovem apaixonado, que esconde seu amor, mas logo a narrativa tem o romantismo quebrado com a cena em que ele se masturba ao ver a jovem Pia no banheiro.

Ocorre também a desromantização da própria Pia acentuando, assim, a marca da narrativa ultra realista de Rubem Fonseca, que quebra todos os convencionalismos.

Um ponto interessante desse conto de Fonseca é o proposital contraste existente no próprio nome escolhido para a personagem, *Pia*, que significa  *piedade, aquela que é piedosa*, mas piedade com o quê, com quem? pois a jovem é capaz de mandar matar a própria mãe. Isso nos encaminha a identificar aqui a possibilidade de uma ironia construída pelo autor, visto que existem marcas narrativas mais profundas, para além do que é visto superficialmente.

Outro ponto presente na narrativa que se faz importante ressaltar porque faz parte dessa desromantização é o sexo aparecendo como moeda de troca, o que quebra, mais uma vez, a possibilidade de romantismo e se constitui também como uma marca das narrativas do autor. Nas obras de Rubem Fonseca são muito frequentes as histórias de personagens “sujos”, capazes de tudo para conseguir o que querem. Segundo Godoy (2009), “essa tensão entre uma visão utilitária das relações eróticas e o vazio emocional que ela revela nos personagens [...] é [...] uma constante da obra de Fonseca” (p.25). O personagem principal da trama aceita essa moeda de troca e se faz capaz até de matar a própria mãe da moça, em troca de ter a sua amada, o que nos leva a questionar esse “amor” que ambos declaram um pelo outro na narrativa, “amor” esse capaz até de matar em troca de um simples prazer carnal.

#### 4 CONCLUSÃO

Essas três jovens representam marcas existentes nas obras de Fonseca: a crueldade e ganância do ser humano, presente em Belinha; a violência advinda de pessoas bem sucedidas, que enganam através de sua condição social, como Ana; e a maldade escondida em rostos aparentemente inofensivos, como o de Pia. Através de sua linguagem crua, *brutal* como afirma Bosi, ou Ultrarrealista, como denomina Antônio Candido, as histórias de Rubem Fonseca instigam a reflexão acerca da sociedade e dos valores que a cercam, das mentiras presentes nas máscaras sociais, evidenciando o mais alto nível de violência e maldade humana.

Fonseca convida a fazer uma profunda imersão na realidade da sociedade, e das pessoas em suas subjetividades, independentemente da classe social. Essa realidade é, muitas vezes, encoberta, velada. Nesse viés, surgem personagens como Belinha, capaz de forjar a morte do próprio pai em prol do dinheiro; Ana, que namora um assassino e resolve planejar, junto com ele, uma chacina; e Pia, que almeja a morte da própria mãe, sendo capaz de negociar até seu corpo em troca de seu desejo. Todas essas personagens aparentemente não causam mal algum, mas, por dentro, carregam o mais alto nível de crueldade, constituindo-se, assim como elementos essenciais nas tramas.

Rubem Fonseca não economiza em detalhes, não poupa o leitor. É nesse âmbito que se apresentam os aspectos Realistas em suas narrativas: o autor expõe as mazelas da sociedade no geral, e do ser humano em si, capaz das maiores atrocidades até então não imaginadas pelo leitor. É essa brutalidade narrativa que o consagra como um dos mais originais e prestigiados escritores de todos os tempos.



## REFERÊNCIAS

- BOSI, Alfredo. Situação e formas do conto brasileiro contemporâneo. In \_\_\_\_\_. **O conto brasileiro contemporâneo**. São Paulo: Cultrix, 1974, p. 7-22
- CANDIDO, Antonio. **A educação pela noite e outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1989.
- FARIA, Alexandre. **Literatura de subtração**: a experiência urbana na ficção contemporânea. Rio de Janeiro: Papiro, 1999.
- FONSECA, Rubem. **Confraria dos espadas**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1998
- FONSECA, Rubem. **Ela e outras mulheres**. Rio de Janeiro: Agir, 2010.
- FONSECA, Rubem. **O buraco na parede**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- FONSECA, Rubem. **O cobrador**. Rio de Janeiro: Agir, 1979.
- FOUCAULT, Michel. **Os anormais**. Trad. de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- GODOY, Abilio Marcondes de. **Negatividade, fatalidade e aporia**: Uma visão trágica do mundo nos contos de Rubem Fonseca. Tese (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, p.116. 2009.
- MACEDO, Joaquim. **A Moreninha**. Baixe Livros, 2022. Disponível em: [https://domainpublic.files.wordpress.com/2022/01/a\\_moreninha.pdf](https://domainpublic.files.wordpress.com/2022/01/a_moreninha.pdf). Acesso em: 27 mar. 2023.
- MARTINEZ, Tomás Eloy. Introdução: a sinfonia do Mal. In: FONSECA, Rubem. **64 contos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- SILVA, Deonísio da. **A ferramenta do escritor**: um estudo da violência em “Feliz Ano Novo” de Rubem Fonseca. Porto Alegre-RS: Artenova, 1978.

## **AGRADECIMENTOS**

- Agradeço primeiramente a Deus, que sempre esteve comigo e nunca largou minha mão durante essa caminhada.
- Agradeço ao meu orientador Prof. Dr. Edson Tavares Costa, por ter aceitado ser meu orientador e ter me ajudado tanto.
- Agradeço ao meu professor de inglês Johnny Glaydson, que fez parte dos primórdios desse trabalho, ao ter me apresentado a primeira obra de Rubem Fonseca com a qual tive contato.
- Agradeço a todas as pessoas que, mesmo com os nomes não citados aqui, me deram forças para realizar esse trabalho e acreditaram no meu potencial.